

HERBERT RICHMOND E O PAPEL DA HISTÓRIA E DO HISTORIADOR: UMA COMPARAÇÃO COM ALFRED THAYER MAHAN (II)

FRANCISCO EDUARDO ALVES DE ALMEIDA*
Capitão de Mar e Guerra (RM1)

SUMÁRIO

- As percepções da história segundo Herbert Richmond e Alfred Mahan
- A história e o ofício do historiador segundo Herbert Richmond
- As influências sobre Herbert Richmond
 - *Sir John Knox Laughton*
 - *Sir Julian Stafford Corbett*
 - *Alfred Thayer Mahan*

Herbert Richmond e Alfred Thayer Mahan foram dois importantes historiadores e teóricos da história e da estratégia naval. Embora tenham utilizado como campo de observação a história naval britânica, cada um percebia a história de modo particular. Provindos de meios, formações e países diferentes, Richmond da Inglaterra e Mahan dos Estados Unidos da América (EUA), existiam poucos pontos concordantes e muitos pontos discordantes entre esses dois intelectuais. Da mesma maneira, percebiam o pa-

pel do historiador naval de modo distinto, fruto das influências que cada um sofreu durante seus períodos produtivos. O que se pretende discutir neste artigo são as diferentes percepções de como deveria ser a história para esses dois teóricos, apontando as concordâncias e discordâncias de seus pontos de vista. Em seguida pretende-se analisar de que modo Richmond considerava o papel dos historiadores e suas principais influências, dentre os quais se destacava o próprio Alfred Mahan.

* Foi diretor do Serviço de Documentação da Marinha no período de 2005 a 2007. É graduado em História pela UFRJ (2007) e mestre em História Comparada (2009). Atualmente, é Doutorando em História pela UFRJ, instrutor na Escola de Guerra Naval (EGN) e Membro do Centro de Estudos de Política e Estratégia da EGN.

AS PERCEPÇÕES DA HISTÓRIA SEGUNDO HERBERT RICHMOND E ALFRED MAHAN

O professor Donald Schurman, ao descrever as diferenças principais entre Mahan e Richmond, comentou que o último não estava preocupado com a questão do mérito da história como o norte-americano. Richmond sempre se percebeu como um marinheiro que escrevia história ao invés de um historiador que era obrigado a ir para o mar, uma clara alusão a Mahan. Para ele a história era um veículo e não o destino final.¹ Em que pese essa sua declaração, os trabalhos historiográficos de Richmond primavam pela pesquisa acurada, sofisticação, balanceamento de análise e pela profundidade da conclusão.

Richmond tinha todas as qualidades necessárias para ser um bom historiador. Como dizia Arthur Marder, ele possuía uma “paixão pela descoberta e disseminação do que considerava a verdade, um lúcido e sucinto estilo, profundidade de percepção, uma habilidade para analisar situações e deduzir delas princípios fundamentais”.² Nesse comentário de Marder já se percebe o primeiro ponto de contato com Mahan: a instrumentalização de princípios fundamentais deduzidos do estudo da história.

Richmond leu atentamente Mahan e concordou com diversas de suas conclusões, no entanto nem todos os pontos lhe eram coincidentes. Ele trouxe, como Mahan, à ordem do dia a discussão sobre a importância do poder marítimo na história, até com maior abrangência analítica que Mahan, ao iniciar sua discussão a partir do período imediatamente anterior a Elizabeth Tudor, em torno de 1540, quando reinava

na Inglaterra seu pai, Henrique VIII. Sua abrangência foi até ao final da Segunda Guerra Mundial. Como visto, Mahan iniciou sua análise, a partir do período anterior à Primeira Guerra Anglo-Holandesa, em torno do final da Guerra dos Trinta Anos, em 1648, assim mesmo com pouca discussão analítica. O que lhe interessava principalmente era a guerra naval ao final do século XVII e, em especial, a guerra no mar dos dois séculos seguintes, com incursões nas campanhas navais do início do século XX. Mahan morreu logo no início desse século e não pôde perceber as influências que a tecnologia naval faria no modo de se combater no mar.

Outro ponto que o distinguiu de Mahan foi o estilo bem mais agressivo de seus escritos, não poupando nada nem ninguém. Isso lhe causou dissabores e, em última instância, o seu afastamento do serviço ativo da Marinha britânica. Sua pena ferina lhe trouxe muitos inimigos, ao contrário de Mahan, que possuía um estilo mais ameno, evitando grandes choques de opiniões. Richmond apreciava a controvérsia e queria influenciar os seus pares com suas opiniões, muitas vezes agressivas e descorteses.

Richmond era um produto da sociedade inglesa vitoriana, preocupado com a perda da capacidade britânica de projetar poder e, mais que isso, um observador da ascensão dos EUA e do rearmamento da Alemanha após a subida de Hitler ao poder. Por outro lado, Mahan era um produto direto da ascensão de seu país como um poder perturbador, dotado de enorme capacidade industrial e fortalecendo-se militarmente. Além disso, defendia a expansão dos EUA em direção ao Pacífico e ao Caribe, chegando a declarar explicitamente que se conside-

1 SCHURMAN, Donald. *The Education of a Navy*. London: Cassell and Co, 1965, p. 131.

2 MARDER, Arthur. *Portrait of an Admiral. The life and papers of Sir Herbert Richmond*. Cambridge: Harvard University Press, 1952, p. 36.

rava um imperialista. Disse ele o seguinte: “Eu sou com certeza um imperialista, no sentido que acredito que nenhuma nação, e certamente nenhuma grande nação, deveria, daqui por diante, manter uma política de isolamento”.³ Uma percepção diferente da espousada por Theodore Roosevelt e Cabot Lodge, imaginava ele. Margaret Sprout apontou, inclusive, confrontando as palavras de Mahan, que em verdade ele era “um propagandista da recriação do imperialismo do final do século XIX”.⁴

Richmond, em certa medida, também era um imperialista⁵, embora não o declarasse explicitamente. Em seu livro *Imperial Defence and Capture at Sea in War*, descreveu as medidas que deviam ser seguidas pela Grã-Bretanha (GB) para a defesa de seu vasto e indefeso Império. Ele acreditava que as colônias do Império serviam para dois propósitos: o primeiro como uma comunidade distante para o comércio com a metrópole, e o segundo como uma base avançada de defesa e de interesse daquela⁶. Ele não discutia o mérito do colonialismo, embora temesse o que chamou de *state-patriotism*, uma ameaça à cooperação de defesa entre o Reino Unido e as colônias⁷.

Tanto Mahan como Richmond tinham percepções idênticas no que diz respeito ao

papel de seus países no contexto internacional. Mahan acreditava que os EUA estavam se projetando para trazer a civilização aos povos “pouco evoluídos”, e a intervenção norte-americana em Cuba tinha o propósito de expulsar os colonialistas espanhóis dessas paragens – uma visão enviesada do que era “libertar” os cubanos do colonialismo. Por outro lado, Richmond acreditava que a GB tinha o mesmo papel civilizador, embora não o afirmasse explicitamente. Sua preocupação com a questão do nacionalismo em diversos rincões do Império bem indicava para ele a necessidade de fortalecer essas regiões. Assim, ambos espelhavam posições comuns: Mahan como um produto de um Estado que surgia no papel de um poder emergente na arena internacional, dotado de grande poderio econômico e industrial; Richmond como um produto de uma comunidade que perdia prestígio e poder rapidamente no século XX, procurando, assim, com suas ideias, prolongar o mais possível essa queda.

Richmond, como Mahan, não teve uma formação acadêmica formal em história. Ele criou-se no rígido regime da Marinha britânica de organização e formalismo, alheio ao campo da história; no entanto, ao contrário de Mahan, recebeu diretamente de John

3 MAHAN, Alfred. *From Sail to Steam. Recollections of a naval life*. New York: Harper and Brothers Pub, 1907, p. 324.

4 SPROUT, Margaret. “Mahan: evangelist of Sea Power”. *Makers of modern strategy: military thought from Machiavelli to Hitler*. Princeton: Princeton University Press, 1973, p. 415.

5 Aqui o imperialismo deve ser indicado como restrito à atividade de aquisição de colônias e/ou a ações políticas e militares de um governo no sentido de proteger os investimentos externos de seus cidadãos. Considerando desse modo, o conceito de imperialismo fica restrito a um estreito âmbito de práticas e políticas. Estas são simples casos especiais de uma realidade muito mais complexa na busca de novos mercados extracuriosos, um subproduto da industrialização, uma corrida por novas colônias, na qual existe o entrelaçamento do comércio com a bandeira. Fonte: MAGDOFF, Harry. *A Era do Imperialismo*. São Paulo: Hucitec, 1978, p.188 apud MENDONÇA, Nadir Domingues. *Uma questão de interdisciplinaridade. O Uso de conceitos*. Petrópolis: Vozes, 1985, p. 153. Em verdade, tanto Mahan como Richmond defendiam esse conceito clássico de imperialismo como definido por Harry Magdoff.

6 RICHMOND, Herbert. *Imperial Defence and Capture at Sea in War*. London: Hutchinson & Co Ltd, 1932, p. 32.

7 Ibidem, p. 35.

Knox Laughton e Julian Corbett⁸ o treinamento, o incentivo e as técnicas de trabalho com fontes que lhe seriam muito úteis quando escrevesse seus livros e lecionasse em Cambridge anos depois. Seu cunhado George Trevelyan, historiador renomado em Cambridge, também teve destacada participação na sua preparação intelectual.

Ao contrário, Mahan foi um autodidata, aprendendo mais pela leitura do que pelo contato com profissionais da história. A importância da procura por fontes primárias por parte de Richmond lhe foi inculcada por Laughton, embora se baseasse também em obras de outros autores, das quais se destacavam as de Julian Corbett e as do próprio Mahan. Outros autores que lhe serviram de referência foram Laird Clowes, Holland Rose, John Fortescue, James Graham e alguns teóricos militares franceses, como Raoul Castex e Marechal Foch, sem esquecer Antoine Henri Jomini.

Como se sabe, a obra de Mahan trazia em seu bojo o aspecto de regras práticas, a exemplo dos escritos de Jomini, procurando transformar o fenômeno da guerra como algo compreensível e de fácil entendimento para todos. “Aplique os princípios, e tudo se resolverá”, induzia Mahan. Richmond, ao contrário, apesar da convicção de que a história deveria instruir e mostrar o caminho, procurou demonstrar que a guerra possuía sua própria dinâmica e que nem sempre as “regras práticas” ao estilo mahaniano podiam ser usadas. Schurman afirmou, sobre esse fato, que “suas investigações históricas corroboravam as suas apreciações profissionais de que existia um sem-número de forças que faziam com que as decisões estratégicas se dificultassem”.⁹ A guerra era complexa e assim

deveria ser estudada, apesar de existirem princípios seguidos pelos vencedores.

A análise conduzida por Richmond transitava preferencialmente nos campos operacionais e estratégicos, com incursões frequentes ao campo da política, ao contrário de Mahan, que primava pelo detalhe tático das batalhas e de ações operacionais, com algumas incursões na estratégia e na política. Richmond não se preocupava com a descrição das ações táticas, embora considerasse necessário descrevê-las para a compreensão do que ocorria nos níveis de decisão mais altos nos campos operacionais e estratégicos. A estratégia era a sua grande fonte de pesquisa e de explicação. Ele estudava a história da Marinha britânica como parte de seu treino como estrategista e educador, e ela servia para indicar caminhos no futuro, a partir de exemplos do passado, de modo a serem formuladas políticas navais condizentes para o tempo em que ele vivia. Queria, além disso, compreender por que houve sucessos e fracassos britânicos a partir de decisões pessoais, circunstâncias históricas e políticas adotadas ou deixadas de ser adotadas. Acreditava que existiam condicionantes políticos, geográficos, tecnológicos e militares que desafiavam as visões dos historiadores navais que limitavam o alcance de seus estudos do poder marítimo nas simples operações das esquadras¹⁰, numa clara crítica à visão mahaniana.

A obra de Richmond é pouco menor que a de Mahan. Seus livros podem ser divididos em três grandes grupos: o primeiro, de obras históricas, em um total de sete livros; o segundo, de obras de estratégia e política navais, com um total também de sete livros;

8 Essas duas influências sobre o modo de proceder de Richmond como pesquisador e historiador serão apresentadas à frente.

9 SCHURMAN, op. cit. p. 140.

10 HUNT, Barry. “The Outstanding Naval Strategic Writers of the Century”. *The Naval War College Review*. Newport: Naval War College Press, set-out 1984, p. 98.

e, por fim, o terceiro, de edição de documentos históricos, com três volumes. Foram escritos por ele, em complemento, mais de 200 artigos e resenhas de livros lançados no mercado editorial inglês, basicamente nos periódicos *The Naval Review*, *Journal of the Royal United Service Institution*, *The Times*, *Fortnightly Review* e *Foreign Affairs*.

As referências mais usadas por ele em suas obras históricas foram os atos do Parlamento e escritos de almirantes proeminentes, tais como os dos almirantes Norris, Hawke e Sandwich, devidamente arquivados em instituições públicas, tanto do governo como da própria Marinha Real. A documentação francesa também foi muito consultada por Richmond.

Sua percepção da história era certamente determinista como a visão de Mahan quando defendia a questão da “lição histórica” para as gerações seguintes; no entanto, seus instrumentos de pesquisa foram bem mais sofisticados e suas conclusões bem mais elaboradas. Além disso, era um nacionalista (como Mahan era com os EUA) que acreditava na grandeza do Império Britânico e procurava apontar para os políticos de seu país métodos para resguardar não só a integridade imperial como também para defender os interesses da GB, ameaçados por outros poderosos contendores.

Além dessa visão nacionalista, Richmond tinha uma percepção parecida com a de Jomini sobre a moralidade da guerra. Jomini disse o seguinte sobre a percepção da moral na guerra:

Como um soldado, preferindo a guerra leal e cavalheiresca ao assassinio organizado, se fosse necessário fazer uma

escolha, gostaria que meus preceitos estivessem a favor dos bons velhos tempos quando as guardas francesa e inglesa convidavam uma a outra a atirar primeiro, como em Fontenoy, em 1745, na Guerra de Sucessão da Áustria, preferindo aqueles tempos à época em que padres, mulheres e crianças em todo o território da Espanha tramavam o assasínio de soldados franceses.¹¹

Richmond lera atentamente Jomini e com ele concordava em diversos pontos. Além disso, essa visão romântica da guerra de ambos os teóricos indicava que a guerra mudara nos diferentes períodos históricos vividos por ambos. Para Jomini, a guerra travada na Espanha contra as tropas invasoras francesas era um assassinato premeditado contra os soldados de Napoleão, enquanto, para Richmond, a travada no mar pela Alemanha, em 1917, era infamante. Tanto para Jomini como para Richmond, as visões de guerra total viriam a modificar suas percepções sobre a guerra. Para Richmond, principalmente, a travada por seu país contra a Alemanha se transformaria em conflito de vida ou morte, e isso modificaria o seu modo de pensar a guerra naval.

De que maneira Richmond percebia a história e como via o ofício do historiador? Quais foram os seus principais influenciadores?

A HISTÓRIA E O OFÍCIO DO HISTORIADOR SEGUNDO HERBERT RICHMOND

Richmond costumava citar o eminente historiador inglês Lord Acton, que dizia que o conhecimento sobre o passado e a compi-

11 JOMINI, Antoine Henri. *A Arte da Guerra*. Trad: Napoleão Nobre. Rio de Janeiro: Bibliex, 1947, p. 55. Jomini mencionou a Batalha de Fontenoy, travada na Guerra de Sucessão da Áustria, em 1745, quando as forças francesas, sob o Marechal Maurice de Saxe, derrotaram as forças anglo-holandesas e hanoverianas, sob o comando do Duque de Cumberland, em um período da história militar chamado por John Frederick Charles Fuller de “guerras limitadas de reis e príncipes do século XVIII”.

lação de “verdades” reveladas pela experiência deviam ser eminentemente práticos. Devia ser, também, um instrumento de ação e um poder que podia alterar o próprio futuro.¹² Essa era a visão que Richmond tinha sobre a história naval. Dizia ele que a história naval era a descrição, tão acurada quanto possível, da maneira na qual a Marinha tinha, até aquele momento, sido utilizada pelo homem de Estado nos diversos períodos históricos para alcançar os objetivos nacionais. Essa sua percepção compreendia também os métodos de emprego das armas navais para conquistar esses objetivos nacionais e a conduta de operações que resultaram desses métodos.

Para ele, a história naval incluía os porquês da estratégia em todas as suas fases, da esfera política até a tática de esquadras e esquadrões e dos sucessos e fracassos, incluindo aí como essas ações se desenvolviam. Ela englobava todos os elementos que entravam nos problemas e métodos empregados, isto é, das relações diplomáticas entre Estados, da economia e comércio, do direito

internacional, das posições e princípios de guerra, da administração, da natureza das armas empregadas e, por fim, das personalidades envolvidas¹³.

A história naval, por meio de seus textos, procurava descrever e analisar a conduta

da guerra no mar, e essa conduta era governada por “princípios”; no entanto, o simples conhecimento de que eles existiam não era suficiente. Os princípios necessitavam de ilustração, de modo a serem corretamente compreendidos. Richmond transcrevia exatamente Mahan no que dizia respeito aos princípios. A história, para ele, fornecia a objetividade na expressão do pensamento. As ilustrações desses princípios proveriam vida e vigor nas suas aplicações e, o mais importante, provocariam uma forte impressão no leitor e estudante de história. Richmond apontou alguns desses princípios como sendo a concentração, a economia de forças, a segurança e a

surpresa¹⁴. Para ele, a estratégia derivava de considerações científicas, baseadas na história. No estudo do poder marítimo residiam os princípios de guerra, e esses princípios



Almirante Herbert William Richmond

12 RICHMOND, Herbert. “The Importance of the Study of Naval History”. *The Naval Review*. London; *Naval Review*, n. xxvii, mai-1939, p. 201.

13 Idem.

14 Ibidem, p. 205.

eram para ser descobertos na história das guerras.¹⁵ A tecnologia mudava, os princípios continuavam inalteráveis.

A história naval era a base do estudo da estratégia e um estimulante mental para análise de campanhas do passado. Um exemplo muito citado por Richmond sobre esse estímulo que a história naval poderia prover era o caso de bloqueio e controle dos portos de Ostend e Zeebrugge e

dos diversos portos do Canal da Mancha. Para qualquer historiador naval, era fundamental a percepção de que manter esses portos era de vital importância para a GB. Oliver Cromwell e seus sucessores tiveram grandes dificuldades com os corsários franceses que infestavam as águas do Canal, agindo principalmente a partir de Dunquerque, Mardyck e Saint Malo, atacando incessantemente o comércio marítimo inglês no Mar do Norte e no Canal. Nomes como DuGuay-Trouin, Jean Bart e Forbin eram preocupantes para os almirantes ingleses. A história apontava, assim, a

necessidade de controlar esses portos, de modo a se proteger o comércio marítimo britânico; no entanto, apesar disso, em 1914 os alemães ocuparam os portos de Ostend e Zeebrugge sem maiores dificuldades e, o pior, encontraram suas instalações intactas. As di-

fículdades inglesas, dessa maneira, aumentaram consideravelmente. Richmond aproveitava para dizer: “A história tremulou a bandeira vermelha em nossas caras e fechamos os olhos para ela. Tivemos que pagar o preço”.¹⁶

Muitos céticos, que não acreditavam que exemplos históricos eram fundamentais, alegavam que o mais importante para os chefes navais era ter bom senso. Richmond contra-

argumentava dizendo que bom senso somente não era o suficiente. Para ele, o bom senso também era raro na história. O uso de princípios básicos complementaria a utilização do “bom senso”, daí a história ser fundamental. Como exemplo, citava o caso da expedição aos Dardanelos na Grande Guerra, quando o bom senso apontava para a conquista dessa posição como fundamental para a estratégia aliada no Mediterrâneo. Até aí nenhuma novidade, o bom senso prevalecera realmente. Faltou, no entanto, a aplicação correta do princípio da surpresa

na operação. Tudo foi feito para que os turcos soubessem com antecedência o local do desembarque, a ocasião e os meios alocados para a operação. Sem aplicação do princípio da surpresa, a operação foi um fracasso retumbante.¹⁷

Richmond criticava os analistas que consideravam que as “lições da história” do tempo da Marinha a vela não poderiam ser aplicadas à Marinha a vapor, com navios mais sofisticados, modernos encouraçados, cruzadores, contratorpedeiros velozes, submarinos e aviação naval ... o uso da força e a natureza humana continuavam os mesmos, resultando nos mesmos métodos de comando

15 RICHMOND, Herbert. Sea Warfare. In: ASTON, George. *The Study of War: For Statesmen and Citizens*. London: Longmans, Green, Co, 1927, p. 118.

16 RICHMOND, Herbert. *The Importance of the Study of Naval History* op. cit, p. 207.

17 Ibidem, p. 208.

Richmond criticava os analistas que consideravam que as “lições da história” do tempo da Marinha a vela não poderiam ser aplicadas à Marinha a vapor, com navios mais sofisticados, modernos encouraçados, cruzadores, contratorpedeiros velozes, submarinos e aviação naval. Para esses críticos, a tecnologia suplantava o estudo histórico de velhas batalhas ou mesmo batalhas mais recentes que espelhavam outras contingências. Para Richmond, essa visão era totalmente distorcida. Considerava que realmente os procedimentos táticos eram diferentes, as formaturas para o combate mudaram, as comunicações se aperfeiçoaram e os movimentos ocorreram mais rapidamente; no entanto, a aplicação dos princípios não havia mudado, e, assim,

o uso da força e a natureza humana continuavam os mesmos, resultando nos mesmos métodos de comando. A base do conhecimento, para ele, era aplicar os princípios corretamente, e a história indicava os exemplos a serem seguidos. De Ruyter, Suffen e Nelson eram os seus exemplos mais notáveis. Sabiam concentrar, economizar as forças quando necessário e utilizar o tempo a seu favor. A tecnologia mudava. Os princípios, não. A negligência desses princípios conduziria à derrota.¹⁸ A história proporcionava a chance de se pensar claramente, dizia Richmond.¹⁹ Considerava que a história

prescrevia “lições” que não estavam confinadas apenas à estratégia. Elas se estendiam igualmente à tática. Sua concordância com Mahan era explícita nesse aspecto.

A história naval indicava que existiam duas escolas de pensamento tático. A primeira era baseada no indivíduo, que orientava o seu método de ataque sob linhas gerais na ofensiva, sempre que as condições permitissem, agindo sobre o inimigo de modo a produzir a condição tática que melhor lhe aprouvesse e dependente de seus subordinados para o cumprimento de suas ideias previamente acordadas.

A impetuosidade era estimulada, e os riscos, considerados antecipadamente e perfeitamente aceitos. A segunda escola de pensamento tático baseava-se na impossibilidade de se deixar à fortuna qual-

quer chance para o fracasso. O plano tático não era somente preparado antecipadamente, ele deveria ser seguido rigidamente e controlado pelo chefe-geral. Os subordinados não deveriam ter liberdade de criar e não deveriam se afastar do plano concebido em hipótese alguma. Richmond advogava pela primeira escola, pois a história “demonstrava” que ela havia sido mais vitoriosa. Citou o caso da reclamação do Almirante Calder para Lorde Jervis após a Batalha Naval de São Vicente²⁰ dizendo que Nelson não obedecera às suas ordens. O sábio Almirante Jervis respondeu a Calder que era verdade que Nelson lhe desobede-

A história proporcionava a chance de se pensar claramente, dizia Richmond

18 Ibidem, p. 212.

19 Ibidem, p. 213.

20 Travada entre as esquadras espanhola e inglesa em 14 de fevereiro de 1791. O comandante naval britânico era o Almirante John Jervis, e o Almirante Calder era o comandante de uma divisão naval à qual o comodoro Nelson era subordinado. Nelson desobedeceu à ordem de Calder de se manter em formatura. Resolveu, a bordo de seu navio HMS *Captain*, investir contra a linha espanhola, sendo seguido por outros navios, demonstrando, com essa atitude, independência tática, agressividade e espírito ofensivo. Essa manobra em muito contribuiu para a vitória britânica. Fonte: PEMSEL, Helmut. *A history of war at sea*. Annapolis: USNI, 1989, p. 80.

ceu, “e se alguma vez você desobedecer da mesma forma, eu prometo perdôá-lo também”.²¹ Existiam diferenças entre personalidades dos combatentes envolvidos em uma guerra; no entanto, para Richmond, aquele que seguia a primeira escola ia para a batalha com a determinação de derrotar o inimigo, enquanto a segunda escola indicava para o chefe que não queria ser derrotado, e aí a história descrevia a diferença de atitudes mentais.

Outro aspecto por ele apontado na história era a capacidade de diversos combatentes assumirem responsabilidades. Dizia o Lorde Saint Vincent que “o teste de coragem de um homem é sua capacidade de assumir responsabilidades”.²² A capacidade de instigar, criar e desenvolver o hábito de assumir responsabilidades era difícil, segundo Richmond. Isso requeria o uso de diversos meios, e um desses meios era a história. A descrição de exemplos históricos de personagens que fracassaram e venceram ao assumir as responsabilidades deveria ser analisada. Era fácil, para um personagem histórico, se esconder atrás de ordens recebidas e, assim, eximir-se de fracassos. Para Richmond, o estudo da história naval era um tônico necessário para a fraqueza humana²³.

Para Richmond, era somente incentivando a assunção de responsabilidades pelos combatentes navais, com todas as suas consequências, que se esperava que es-

ses personagens adquirissem a coragem moral esperada, geralmente derivada de situações críticas. Era pelas páginas da história que seriam encontrados o estímulo e o exemplo.²⁴ Seu grande exemplo de assunção de responsabilidades era Lorde Nelson. Nelson não somente assumia responsabilidades, mas também encorajava seus oficiais a seguirem seu exemplo.

Para Richmond, a história apontava igualmente para outra questão ligada à responsabilidade, que era a importância de informar os subordinados

de todos os planos e intenções, o que pode parecer óbvio. Contudo, segundo ele, isso não foi seguido muitas vezes na história, com resultados incertos e, muitas vezes, catastró-

ficos. Novamente Nelson foi seu grande paradigma, principalmente antes de Trafalgar.

Richmond era um crítico mordaz da limitada ênfase dada ao estudo da história na Marinha Real, indicando que essa disciplina não tinha nenhuma importância para os almirantes da ativa e que inexistia a crença no valor da reflexão crítica que o estudo da história podia oferecer.²⁵ Dizia que o ensino de história ministrado na Escola Naval de Osborne²⁶ era essencialmente biográfico, em que os cadetes aprendiam as vidas dos grandes personagens navais, com uma visão apologética evocativa do passado, o que, para ele, era um erro grave. O correto era dar aos jovens cadetes uma ideia

Para Richmond, o estudo da história naval era um tônico necessário para a fraqueza humana

21 RICHMOND, Herbert. *The Importance of the Study of Naval History* op. cit, p. 214.

22 Ibidem, p. 215.

23 Idem.

24 Ibidem, p. 216.

25 RICHMOND, Herbert. *National Policy and Naval Strength and other essays*. London: Longmans & Green, 1928, p. 255.

26 A Escola Naval de Osborne era para cadetes recentemente entrados na Marinha Real, com idades variando entre 13 e 16 anos.

geral do papel exercido pelo poder marítimo, com o propósito de criar questionamentos e, assim, estimular a curiosidade e o esforço individual ao invés de insistir na fixação de fatos históricos. O significado da história naval e os métodos adotados pelos diferentes países ou por indivíduos deveriam ser apresentados aos cadetes, de modo que compreendessem os objetos da disciplina histórica.²⁷ Suas críticas ferinas foram dirigidas especialmente ao professor de Osborne (e depois de Greenwich, na Escola de Guerra Naval Real – EGNR) Geoffrey Callender. Richmond considerava o ensino de Callender “arqueológico”²⁸ e ultrapassado ao

ministrar aulas pouco profundas, sem análise e essencialmente enaltecidas dos fatos passados. Queria ele uma história problema e não apenas descritiva e apologética, como espousada por Callender.

Nas escolas mais avançadas na carreira, procurava-se discutir a estratégia e a tática sem nenhuma fundamentação metodológica, o que para ele era insuficiente. Afirmava Richmond que o jovem se tornaria um almirante sem ser capaz de definir os princípios básicos de estratégia naval ou mesmo saber como as Marinhas no passado lutaram no mar.²⁹

O sistema educacional da Marinha Real era para ele deficiente, pois nos estágios iniciais as humanidades não tinham importância e existiam poucos incentivos para o

desenvolvimento analítico do raciocínio. O que se ministrava eram questões de memorização de eventos e datas, cobrindo tópicos parciais, com um método pedagógico totalmente inadequado. Dizia-se na ocasião que os oficiais ingleses necessitavam de “formação científica”, estando a palavra “ciência” confinada aos limites das ciências naturais ou matemáticas, sendo ignorado que existiam ciências da guerra. Conheciam-se noções sobre armas, navios e assuntos correlatos, porém nenhuma discussão sobre a conduta da guerra era ministrada. Tampouco na EGNR a história era

conduzida de forma crítica. O mais importante para os oficiais de estado-maior, dizia ele, era compreender a correlação existente entre a Marinha como instituição e o seu papel como instrumento da política nacional. Acreditava que o ensino de um historiador naval profissional deveria ser complementado

pelo de um oficial de estado-maior, com amplo conhecimento dos conceitos de estratégia naval. Ambos, trabalhando em conjunto, poderiam expor, de modo mais completo e amplo, o papel do mar nas guerras e o curso das campanhas navais³⁰. Dizia ainda que:

Pelo estudo da história, empregando a mesma metodologia empregada na

O mais importante para os oficiais de estado-maior, dizia ele, era compreender a correlação existente entre a Marinha como instituição e o seu papel como instrumento da política nacional

27 RICHMOND, Herbert. *Diário do dia 21 de setembro de 1916*. Fonte: MARDER, Arthur. *Portrait of an Admiral*. op. cit. p. 223.

28 HATTENDORFF, John; GOLDRICK, James. *Mahan is not enough. The proceedings of a conference on the works of sir Julian Corbett and sir Herbert Richmond*. Newport: Naval War College Press, 1933, p. 107.

29 RICHMOND, Herbert. *National Policy and Naval Strength*, op. cit. , p. 256.

30 *Ibidem*, p. 272.

microbiologia, treinamos para ponderar esses fatores, e enquanto fazemos isso treinamos nossos raciocínios para atuar em situações similares quando acontecerem conosco, instintivamente selecionando os fatores críticos e colocando nossos dedos sobre aqueles elementos do problema, do qual tudo depende, e dessa maneira guiando nossos passos verdadeira e diretamente para o cerne da questão.³¹

Richmond acreditava que o estudo da história naval servia para separar a grande confusão de dados, considerados inúteis e sem finalidade, do objeto a ser pesquisado e aplicar os princípios previamente estudados. Esse tipo de aproximação requeria treinamento no estudo intensivo da guerra. Repetia, assim, Mahan, que dizia que a Grã-Bretanha foi a “rainha dos mares” motivada mais por falhas de seus inimigos do que por estudos sistemáticos da história naval.³² Dizia que os seus críticos pensavam que ele era somente um historiador naval e não conheciam suas ideias e nem por que ele estudava a história. Eles não observavam, concluía, que ele utilizava a história como um meio de aprender algo sobre a estratégia naval e não a história por si própria.³³

O papel do historiador naval devia ser o de registrar os fatos históricos, tendo em vista existirem três sujeitos principais a quem deveriam ser dirigidos os seus textos: o público em geral, os políticos e os oficiais navais.

Ao público em geral, a história naval era ou deveria ser uma parte integral da história nacional. Com isso Richmond não queria dizer que o “homem comum”³⁴ deveria conhecer os detalhes pertinentes a batalhas ou campanhas, mas que deveria conhecer o papel que a Marinha tinha na vida nacional, de

como e por que as necessidades de se preservar a superioridade naval influenciaram a política externa de seu país. Richmond, ao definir o papel que a história naval teria, estava realmente se referindo à GB. Repetindo o historiador Sir Edward Grey, Richmond disse que “o que realmente determina a política deste país [a Grã-Bretanha] é a questão

Richmond citava Bismarck, que afirmava que “tolos dizem que aprendem com a experiência. Prefiro aprender com a experiência de outros”. A experiência de outros só podia ser apreendida por meio do estudo da história

do poder marítimo. É a questão naval que determina a nossa política europeia”.³⁵ O historiador deveria, então, descrever para o homem comum, com a maior acuidade possível, a relação existente entre a Marinha e a política nacional, de modo a que ele entendesse a história de seu país.

Aos políticos, a história naval não era menos importante, em virtude de eles se-

31 Ibidem, p. 261.

32 MAHAN, Alfred. *The Influence of Sea Power upon History 1660-1783*. New York: Dover, 1987, p. 269.

33 RICHMOND, Herbert. *Diário de 18 de novembro de 1919*. Fonte: MARDER, Arthur. *The Portrait of an Admiral*. op. cit. p. 359.

34 ‘Common Man’ foi traduzido como ‘homem comum’ pelo autor.

35 RICHMOND, Herbert. *The Importance of the Study of Naval History*. op. cit, p. 203.

rem os condutores da política e, quando a guerra ocorresse, da própria guerra. Os almirantes, com suas esquadras, seriam meros instrumentos nas mãos dos políticos. A eles, políticos, cabia decidir quando, onde e como atacar. Nesse ponto Richmond se baseava muito naquilo que Mahan apontou em uma de suas obras: de que caberia ao político “determinar e indicar aos militares os interesses nacionais mais vitais que deveriam ser defendidos, tão bem como os objetivos de conquista ou destruição mais danosos ao inimigo, tendo em vista as exigências políticas a que o poder militar deveria somente servir”³⁶. As palavras de Mahan eram as palavras de Richmond.

Os políticos, como condutores das políticas nacionais, deveriam conhecer a história naval para melhor conhecerem as mudanças ocorridas no ambiente naval, tendo em vista que os objetos do poder marítimo permaneciam inalteráveis. Richmond acreditava ser impossível que um político que conhecesse as possibilidades e limitações do poder marítimo fosse igualado a um outro político que nunca tivesse aberto um livro de história naval³⁷. Ambos eram muito diferentes em essência.

Por fim, o terceiro sujeito a quem o historiador naval deveria se dirigir era o oficial de Marinha. Para Richmond, a simples leitura de textos históricos por parte do oficial de Marinha seria insuficiente. A postura correta deveria ser de estudo e reflexão. O oficial naval deveria perceber o texto escrito pelo historiador diferentemente. Inicialmente, ele deveria entender os elementos do poder marítimo que forneceriam a base necessária para a compreensão da im-

portância desse poder. Em segundo lugar, apontar os princípios de guerra que foram ou não aplicados pelos contendores. Em terceiro lugar, ele deveria mesclar esses conhecimentos acumulados com a própria experiência adquirida em campanhas navais pelas quais passou. Nesse ponto, Richmond reconhecia a dificuldade de se adquirir experiência de combate se não existissem guerras. Acreditava, no entanto, que, no caso da impossibilidade de se obter a própria experiência, a experiência de outros deveria ser estudada. Citava com frequência Bismarck, que afirmava que “tolos dizem que aprendem com a experiência. Prefiro aprender com a experiência de outros”³⁸. A experiência de outros só podia ser apreendida por meio do estudo da história. Richmond reclamava sempre da negligência do sistema educacional, que não criava uma cadeira específica de história naval nas universidades britânicas. A que existiu em Cambridge durou apenas alguns anos e foi depois descontinuada, amalgamada na cadeira de história imperial, da qual foi titular por dois anos, mas sem a ênfase na área naval que ele considerava necessária.³⁹ Sendo a GB uma comunidade que dependia do mar, Richmond considerava inconcebível essa negligência.

Richmond foi um historiador mais sofisticado que Mahan, fruto exatamente das influências recebidas de dois grandes historiadores que vieram antes, Sir John Knox Laughton e Sir Julian Stafford Corbett, seus importantes mentores. Não deve ser esquecida, tampouco, uma influência importante no seu pensamento analítico, a do próprio Alfred Mahan, lido por ele com muito cui-

36 MAHAN, Alfred. *The Influence of Sea Power on the French Revolution and Empire*. V.ii. Boston: Little Brown, 1892, p. 392.

37 RICHMOND, Herbert. *The Importance of Study of Naval History*. op. cit. p. 203.

38 Ibidem, p. 204.

39 MARDER, Arthur. *The Portrait of an Admiral*. op. cit.p. 34.

dados. Esses três personagens moldaram o seu pensamento e sua escrita da história e da estratégia.

AS INFLUÊNCIAS SOBRE HERBERT RICHMOND

O principal influenciador de Richmond foi o historiador naval britânico Sir John Knox Laughton, considerado por Andrew Lambert como um dos principais intelectuais ingleses do século XIX e elemento central na moderna concepção de como deveria ser um historiador naval como profissional da disciplina.

– Sir John Knox Laughton

“Considero-me afortunado de vir com facilidade às suas mãos, uma vez que ele conhece mais história naval que qualquer criatura viva de língua inglesa”.⁴⁰ Com essas palavras Alfred Mahan escreveu para o seu mentor Stephen Luce em 1890 sobre uma resenha redigida por John Laughton no *Edinburgh Review* a respeito do seu *The Influence of Sea Power upon History*. Certamente Mahan estava, naquela carta, espelhando um sentimento generalizado entre os historiadores navais de respeito ao velho mestre de história do King’s College de Londres, Sir John Knox Laughton.

Laughton nasceu em Liverpool, na Inglaterra, em 1830, vindo posteriormente a se integrar, com 23 anos de idade, na Marinha Real, após graduar-se em matemática pela Universidade de Cambridge. Serviu a seguir em navios ingleses no Báltico e na China, atuando como instrutor de ciências matemáticas e navegação a bordo, prosseguin-

do em 1866 para uma função docente no Colégio Naval Real de Portsmouth, lá permanecendo até 1873, quando foi transferido para Greenwich como chefe do Departamento de Meteorologia e Assuntos Marítimos.

Até 1874 suas atividades docentes foram voltadas para a meteorologia e assuntos técnicos navais, sem conotação com a atividade de historiador naval; no entanto, nesse ano, com 44 anos de idade, proferiu sua primeira palestra sobre história, não interrompendo essa atividade até o seu falecimento. Essa palestra se tornaria muito conhecida, pois foi realizada na Royal United Services Institution (RUSI) e versou sobre a importância de se analisar e não somente descrever os eventos históricos. Um fato interessante foi que, em 1870, Laughton conheceu o então Capitão de Mar e Guerra Stephen Luce na RUSI e ambos discutiram, na ocasião, a importância da história na educação naval.⁴¹ Laughton acreditava que o objetivo da educação naval era adquirir conhecimentos e desenvolver a capacidade de se autoeducar, que era vital para a carreira dos jovens oficiais ingleses.

Seu interesse pela disciplina histórica começara anos antes, no Encouraçado HMS *Algiers*, quando travou uma forte amizade com o então Capitão-Tenente Cyprian Bridge⁴², que mais tarde seria um reconhecido estrategista inglês. As discussões entre Laughton e Bridge sobre tática naval e a importância da história naval ficaram gravadas na mente do primeiro de forma definitiva. Greenwich ofereceria a Laughton a oportunidade para se dedicar à história anos depois.

40 Carta de Alfred Thayer Mahan para Stephen Luce de 20 de dezembro de 1890, escrita de Nova Iorque. Fonte: SEAGER II, Robert; MAGUIRE, Doris. *Letters and papers of Alfred Thayer Mahan*. V. 2, Annapolis: USNI, 1975, p. 34.

41 LAMBERT, Andrew. *The Foundations of Naval History. John Knox Laughton, the Royal Navy and the historical profession*. London: Chatham, 1998, p. 30.

42 O futuro Almirante Cyprian Bridge foi diretor de Inteligência Naval, comandante em chefe da Divisão da Austrália e da China. Fonte: *Ibidem*, p. 20.

Em 1885 Laughton retirou-se da Marinha e se tornou professor de História Moderna no King's College até 1914. Em 1893 tornou-se secretário e fundador da Naval Records Society (NRS), juntamente com Bridge. Em 1907 foi elevado a cavaleiro da Ordem do Banho. Em 1910 a ele foi ofertada a Medalha de Ouro Chesney, conferida pelo Conselho da RUSI, em consideração a sua valiosa contribuição no campo da literatura naval⁴³. Faleceu em 1915, com 85 anos de idade.

Laughton, talvez devido a sua formação matemática, acreditava que a história naval deveria ser “científica” e que o propósito de se estudar a história em Greenwich era desenvolver doutrinas e inculcar liderança.⁴⁴ Quando Laughton mencionou o caráter científico do estudo da história, ele queria dizer que:

Ciência é conhecimento, conhecimento acurado e exato, distinto do conhecimento vago, indefinido e empírico, e nisso o verdadeiro sentido da palavra história deve ser o estudo científico, como tudo o mais. Se a gênese de uma planta ou os hábitos de um inseto são coisas importantes para serem estudadas, imaginem as palavras, realizações e destinos de nossos mais nobres e distintos personagens.⁴⁵

Para ele a história naval continha “lições de extrema importância”, e sua percepção dessa história incluía o modo como as esquadras foram organizadas e utilizadas, o curso dos eventos históricos que conduziram a vitórias ou derrotas e os princípios de tática observados. Isso não significava que

essas lições se traduzissem em dogmas. Para ele, os dogmas eram perigosos para qualquer disciplina de estudo. Para a conduta da guerra eles eram o desastre. Donald Schurman lembrou que Laughton se dirigia, em suas palestras, a almirantes do século XIX, ainda arraigados à tradição e ao conservadorismo, por isso “sua coragem em tocar nesses assuntos se eleva”.⁴⁶ O estudo científico da história, para ele, era o estudo da tática, da estratégia, da organização e da disciplina. Ele considerava que a história naval só seria compreendida por aqueles que combinavam a preocupação do historiador pela acuidade e estudo acadêmico com o “olho” para o mundo do combate naval.⁴⁷ O resultado desse estudo seria uma coerente doutrina escrita, para o “benefício perene da Marinha e dos oficiais a ela pertencentes”⁴⁸, segundo Andrew Lambert. Lambert vai mais adiante ao afirmar que Laughton podia ser chamado justamente de o “pai da moderna historiografia naval”.⁴⁹

Laughton utilizava um método crítico de análise documental, servindo-se muitas vezes da comparação e de seus conhecimentos navais para apontar “lições” que deveriam ser obtidas de suas pesquisas. A crítica documental de Laughton baseava-se na metodologia científica introduzida por Leopold Von Ranke, que ele admirava imensamente. Acreditava convictamente que o historiador não deveria conjecturar o futuro, tarefa que imputava aos políticos. Para ele, o passado e o presente eram os instrumentos de trabalho do historiador profissional.

Interessante que, como Mahan, Laughton via em Horatio Lorde Nelson o

43 Ofertada também a Mahan e Richmond.

44 Ibidem, p. 39.

45 Ibidem, p. 48.

46 SCHURMAN, op. cit. 86.

47 LAMBERT, Andrew. *The Foundations of Naval History*. op. cit. p. 57.

48 Ibidem, p. 47.

49 Ibidem, p. 61.

exemplo de chefe naval modelo e herói, em razão de seu supremo profissionalismo, sua grande capacidade tática e estratégica, além de soberba liderança e humanidade. Laughton apreciava sobremaneira a obra de Mahan, chegando a afirmar aos seus alunos que os livros do autor norte-americano deveriam ser lidos, depois lidos novamente e depois relidos pela terceira vez, porque neles seriam encontradas as vitórias e os fracassos de seus antecessores e a melhor explicação da importância do poder marítimo.⁵⁰ Entusiasmou-se com Mahan principalmente por ser um norte-americano escrevendo sobre a história inglesa, embora considerasse que faltava em Mahan a acuidade documental e crítica necessária para apresentar um trabalho historiográfico de qualidade. Considerava, no entanto, que a obra de Mahan era importante para os oficiais de Marinha, leigos e profissionais de história por ser uma bela síntese da estratégia naval.

Laughton teve também uma grande parcela de responsabilidade em estabelecer a história naval como parte integrante da história e no reconhecimento do profissional de história naval no Reino Unido. Além disso, devido a suas conexões políticas, conseguiu disponibilizar e organizar diversos arquivos históricos que estariam perdidos ou mesmo indisponíveis para pesquisa. Schurman mencionou que, no obituário de Laughton, publicado no periódico *The Times*, dizia que “ele tinha muito a ver com a história naval ter sido tirada das mãos de ‘meros especialistas ou analistas’”. Isso se devia muito à aplicação de métodos críticos em fontes primárias. Laughton encorajou a crítica pelo exemplo e, por meio de seu trabalho, grandes quantidades de material

historiográfico foram disponibilizadas⁵¹. Laughton tornou-se, assim, um referencial para todos os pesquisadores de história naval ligados ao NRS, entre os quais se encontrava Richmond.

Richmond, no prefácio de sua obra *The Navy in the War of 1739-1748*, afirmou que era “afortunado em receber a ajuda do falecido Sir John Laughton, que estava sempre disponível para transmitir aos outros uma boa parte de seu vasto conhecimento”.⁵² Richmond não estava apenas agradecendo o auxílio de Laughton na confecção do livro. Ele estava agradecendo, efetivamente, a sua formação como historiador acadêmico, forjada pela orientação do velho mestre do King’s College de Londres.

Sua associação com Laughton intensificou-se no NRS. Em 1913, Richmond foi incentivado por Laughton a compilar e editar pela NRS um volume do *Papers Relating to the Loss of Minorca in 1756*, um trabalho de pesquisa arquivística de fôlego que foi publicado nesse mesmo ano. Laughton não mais exercia a função de secretário da sociedade, mas permanecia no seu conselho editorial. Essa importante compilação de documentação primária, incluindo cartas, memorandos, ordens de operação e despacho, foi conduzida por Richmond sob a atenta supervisão de Laughton. Além disso, essa obra tinha um caráter dramático para a Marinha Real, pois descrevia um acontecimento trágico, que foi o fuzilamento do Almirante Sir John Byng em 1757, em plena Guerra dos Sete Anos. Byng fora mandado para o Mediterrâneo com um pequeno esquadrão naval para auxiliar a defesa de Minorca, em poder da GB. O governo britânico designara pou-

50 Ibidem, p. 132.

51 SCHURMAN, op. cit. p. 109.

52 RICHMOND, Herbert. *The Navy in the War of 1739-1748*. v. 1, Cambridge: Cambridge University Press, 1920, p. Vii.

cos navios sob o seu comando, acreditando que os franceses não atacariam a base de Minorca. Ao lá chegar, Byng verificou que os franceses já haviam desembarcado e tomado quase toda a ilha, com exceção de um forte com tropas inglesas. Uma esquadra francesa semelhante encontrava-se no ancoradouro. Byng, então, engajou essa força, porém, por falta de experiência de combate, não obteve a esperada vitória. Resolveu, então, recuar para Gibraltar, deixando que toda Minorca caísse nas mãos dos franceses. Byng acabou preso e submetido a corte marcial. O tribunal considerou-o culpado de covardia e de não defender Minorca como determinado, no entanto solicitou clemência ao Almirantado e ao rei. Ambos recusaram o perdão, e Byng foi executado a bordo de seu próprio capitânia, o HMS *Monarch*, em Portsmouth.

Esse evento foi traumático, e Richmond conseguiu transcrever a documentação pertinente de um modo muito preciso e profissional. Esse trabalho lhe conferiu a estatura intelectual suficiente para escrever seu próximo livro, *The Navy in the War of 1739-1748*. Laughton foi um de seus incentivadores nessa nova empreitada, juntamente com Corbett.

A capacidade de criticar as fontes e delas tirar aquilo que era pertinente ao objeto proposto foi um legado deixado a Richmond por Laughton. Outro ponto apreendido por Richmond foi a capacidade de detalhar eventos históricos, em uma sequência lógica, e, desse detalhamento, apontar lições táticas e estratégias, exatamente como Laughton preconizava. A sua procura exaustiva por fontes primárias, de acordo

com a metodologia utilizada por Laughton, foi outro legado que acompanharia Richmond até o seu falecimento.

Apesar de todas essas qualidades, Laughton não foi um historiador revolucionário nem foi um autor prolífico, com uma obra-prima relevante. Ele escreveu poucos livros; no entanto, sua capacidade de perceber talentos em outros historiadores e encorajá-los e sua percepção de que a história naval deveria ser escrita com parâmetros científicos o tornaram um paradigma relevante. O historiador Roger Knight, ao descrever as qualidades desse velho mestre inglês, afirmou que “a força de sua personalidade foi fundamental naquilo que ele conseguiu, disponibilizando acesso do povo a arquivos públicos e fundando uma sociedade acadêmica [NRS]”.⁵³

Outro historiador importante que muito influenciou Richmond foi Sir Julian Corbett, membro do NRS juntamente com Laughton.

– *Sir Julian Stafford Corbett*

Filho de um próspero arquiteto londrino, Corbett nasceu em 12 de novembro de 1854, em Surrey, Inglaterra. Formou-se em Direito por Cambridge, contudo preferiu uma carreira literária, escrevendo inicialmente novelas históricas e viajando extensivamente. Em 1882, desistiu de seguir a carreira de advogado e voltou-se integralmente para a história naval, que sempre o atraiu, em especial o período de reinado de Elizabeth I.

Juntamente com Laughton, foi um dos membros fundadores do NRS e com ele começou uma ligação que se estenderia até

53 O historiador Roger Knight escreveu uma resenha muito interessante do livro do professor Andrew Lambert, do King's College, *The Foundations of Naval History*, que é utilizado em algumas passagens nessa pesquisa, em especial quando é analisado o papel de Sir John Knox Laughton na formação de Richmond. Fonte: KNIGHT, Roger. *Book Review*. Reino Unido. Resenha de LAMBERT, Andrew. *The Foundations of Naval History*. London: Chatham Publishing, 1998, 256 pag. Site eletrônico. <http://www.history.ac.uk/ihr/focus/sea/reviews/knight.html>. Acesso em: 29 jul 2008.

a morte de Laughton, em 1915, tornando-se, inclusive, um de seus protegidos e mais chegados amigos.

Em 1896, incentivado por Laughton, iniciou a edição dos documentos relativos à Guerra Espanhola de 1585 a 1587,⁵⁴ que seguramente foi o início de sua carreira de historiador naval e teórico respeitável. Em paralelo, começou uma vasta pesquisa sobre o corsário inglês Sir Francis Drake no período elizabetano, publicando, dois anos depois, uma obra-prima, muito lida até hoje pelos historiadores navais, chamada *Drake and the Tudor Navy*, em dois volumes. Essa obra se destaca das demais por demonstrar um equilíbrio de análise e uma “maestria nas técnicas de investigação histórica surpreendente para um virtual iniciante”, segundo Schurman⁵⁵. A orientação de Laughton foi importante para o seu primeiro grande trabalho em história naval.

Corbett passou, então, a ser reconhecido como um dos mais influentes intelectuais que escreviam e pesquisavam história naval, vindo a associar-se ao Almirante Jack Fisher, que se impressionou com um de seus artigos sobre educação naval. Fisher, na ocasião segundo lorde do mar, convidou-o para ser professor de história e estratégia da recém-fundada EGNR. Em suas palestras aos oficiais alunos, chamava a atenção para o uso indiscriminado dos princípios de Mahan como um dogma a ser atendido e seguido por todos. Considerava que os escritos de Mahan eram importantes, no entanto não deveriam ser tomados como regra geral, pois a guerra tinha uma dinâmica própria que extrapolava a “simplicidade jominiana” esposada por Mahan.

Suas palestras foram um sucesso, o que o fez se aproximar cada vez mais de Fisher, que, logo em seguida, assumiu o cargo de primeiro lorde do mar, iniciando uma reforma radical na Marinha Real. Corbett, além das atividades na EGNR, passou a proferir conferências de história na Universidade de Oxford, a partir de 1903.

Corbett percebeu claramente que muitos de seus alunos oficiais careciam de leituras em história e estratégia, principalmente nas questões teóricas da guerra no mar. Assim, utilizando as ideias de Carl Von Clausewitz, iniciou uma série de palestras, que seriam posteriormente compiladas em um livro chamado *Green Pamphlet*, que se desdobraria em 1911 no seu livro mais famoso e lido nas escolas de altos estudos militares, *Some Principles of Maritime Strategy*.

A ligação estreita de Corbett com Fisher o levou a ser uma figura importante nos altos escalões navais, tornando-se, assim, um elemento essencial no nível decisório mais elevado na Marinha Real. E seus escritos passaram a ser praticamente, embora não explicitamente, a doutrina estratégica naval britânica.⁵⁶

O principal propósito de Corbett era efetivamente formalizar uma doutrina que congregasse teorias e princípios de guerra naval, tendo a formulação teórica de Clausewitz de guerra terrestre como marco referencial. Sua teoria possui uma consistência formal e teórica não encontrada em Mahan, mais prescritivo e menos analítico. Isso não significa afirmar necessariamente que Jomini fosse por ele desprezado; longe disso, considerava, no entanto, Clausewitz como um teórico mais consistente e dele utilizou muitas ideias, devidamente aplicadas à guerra naval.

54 Trata-se do volume XI do NRS, com o título *Papers relating to the Spanish War, 1585-1587*, por ele editado em 1897.

55 SCHURMAN, op. cit. p. 148.

56 PROENÇA, Domicio; DINIZ, Eugenio; RAZA, Guelfi. *Guia de Estudos de Estratégia*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999, p. 108.

Quando a Grande Guerra foi deflagrada, Corbett foi selecionado pelo Comitê Imperial de Defesa para escrever a história oficial da guerra naval, no entanto constantes interferências com o seu texto sobre a guerra o deixaram muito decepcionado e aborrecido, atingindo aos poucos a sua saúde, o que, por fim, contribuiria para a sua morte por ataque cardíaco em 1922.

Em 1914, assim como Mahan, Laughton e Richmond, recebeu a Medalha de Ouro Chesney da RUSI e, em 1917, recebeu a Ordem do Banho, no grau de cavaleiro.

Corbett, um especialista do período elizabetano, acreditava que foi nessa época que a Inglaterra, por meio de seus estadistas, formulou uma estratégia naval que seria o pontapé inicial do futuro grande Império Britânico a ser estabelecido 150 anos depois. Defendia a ideia de que o ataque não sistemático contra o comércio do inimigo era uma perda de tempo, o que o fazia se aproximar de Mahan, que assim também pensava. Certamente correlacionava esse fato à guerra de atrição ao comércio marítimo espanhol, realizado pelos corsários ingleses no século XVI, quando se destacou Sir Francis Drake. Da mesma forma que Mahan enaltecia Nelson, Corbett enaltecia Drake como o verdadeiro herói inglês.

Afinal, de que maneira Corbett influenciou Richmond? Inicialmente Richmond travou contato com Corbett quando ambas as famílias, oriundas da abastada classe média inglesa, com conexões nas altas esferas sociais, mantiveram vínculos sociais comuns. Em seguida, em 1902, Corbett escreveu dois artigos para o periódico *Monthly Review* comentando sobre as inadequações do sistema de ensino naval, assunto que muito interessava a Richmond

e que o impressionou pela clareza das argumentações e conclusão. Essas ideias também lhe foram transmitidas em conversações pessoais entre os dois.

Com a aproximação entre Corbett e Fisher, Richmond, assistente do último no Almirantado, se viu mais próximo do primeiro. Naquela oportunidade, Corbett já era um historiador consagrado, e o interesse de Richmond em se aproximar dele foi natural. Logo depois, Richmond se agregou ao NRS, no qual pontificava Laughton e, como seu sucessor, Corbett.

Ambos tornaram-se amigos íntimos e confidentes. Corbett, então, incentivou Richmond a estudar e discutir a história naval britânica de um modo sistemático. Corbett indicou Richmond para compilar os volumes 3 e 4 dos papéis de Lorde Spencer⁵⁷ pelo NRS, que levaram mais de dez anos para serem lançados, uma vez que Richmond estava envolvido em seu grande projeto do conflito naval na Guerra de Sucessão da Áustria, publicado em 1920⁵⁸. Nessa grande obra de três volumes, pode-se perceber a habilidade de Richmond em lidar com assuntos de política e de estratégia naval, ao analisar detalhadamente os memorandos e ordens de operação das forças navais envolvidas no conflito, interpretando minuciosamente as ações e os combates entre os contendores. Sua preocupação excessiva com o detalhe e o valor de mencionar personagens envolvidos no processo histórico, por meio da análise de documentação primária, utilizando métodos que lhe foram transmitidos por Laughton e Corbett, lhe fez herdeiro dos dois historiadores. Corbett foi um grande incentivador para que Richmond se dedicasse à escrita dessa grande obra de história naval.⁵⁹ Seu

57 Trata-se do livro *Private papers of George, Second Earl Spencer, First lord of the Admiralty*. Publicado pela Naval Records Society em 1924.

58 Trata-se da *The Navy in the War of 1739-1748*.

59 TILL, Geoffrey. *Maritime Strategy and Nuclear Age*. New York: St Martin Press, 1982, p. 44.

juízo sobre essa pesquisa de Richmond foi que aquela [Guerra de Sucessão da Áustria] era a “guerra de Herbert” e que nada deveria ser alterado.⁶⁰

Corbett denegria o valor da história aprendida “meramente de livros-texto” em comparação com a história compreendida de um longo estudo de “papéis confidenciais de Estado” apoiado por uma observação direta das políticas e deliberações dos detentores do poder.⁶¹

Corbett veio a falecer em 1922, o que atingiu seriamente Richmond, que, lamentando sua morte no periódico *Naval Review*, disse que “[a morte de Corbett] tinha sido um duro golpe na história naval, e como a história é matéria bruta da qual se tira o conhecimento dos princípios de estratégia e de tática, o estudo dessas artes muito sofrerá”.⁶²

Richmond perdia um amigo, confidente, incentivador e mentor.

– Alfred Thayer Mahan

Mahan teve grande influência no pensamento de Richmond. Em toda a obra de Richmond, Mahan aparece com indicações de referências e comparação de percepções sobre batalhas e campanhas navais. Isso não significa necessariamente subordinação do pensamento de Richmond ao de Mahan, no entanto demonstra, pelo menos, o conhecimento do primeiro sobre a obra e as ideias do autor norte-americano.

Nenhum dos dois teve formação acadêmica formal em história, no entanto Richmond recebeu orientação acadêmica de Laughton

e de Corbett, enquanto Mahan foi essencialmente um autodidata. O ponto central coincidente de ambos os autores foi, inicialmente, a questão dos princípios e das lições da história. Richmond concordava inteiramente com Mahan, chegando a afirmar que o atendimento dos princípios e de leis estabelecidos pela história e a estratégia no estudo da guerra deveria ser complementado pela experiência individual, como Mahan afirmara.

Ambos utilizavam o mesmo tipo de narrativa direta e determinista ao analisar a estratégia naval e a história. Richmond, embora não tão religioso quanto Mahan, percebia a guerra naval com condicionantes morais que chegavam a ser ingênuos comparados com as visões de Mahan, que acreditava que a guerra era um “mal necessário” determinado por Deus. Ambos imputavam a guerra no mar como sendo a “guerra” decisiva, embora Richmond considerasse que a função da Marinha, por si só, não fosse suficiente. Ele pregava com ardor a integração entre as Forças Armadas, enquanto Mahan apregoava a centralidade do mar no conflito. Isso não significa afirmar que Mahan desprezasse a força terrestre. Muito pelo contrário. As diferenças entre ambos estavam mais na intensidade que na forma. Para Richmond, a guerra tinha uma complexidade própria, menos simplista do que para Mahan, que afirmava sobre a história e a guerra, em um tom jominiano, que “os ensinamentos da história têm um evidente e permanente valor porque as condições permanecem imutáveis”.⁶³

Para ambos a história era uma ferramenta para o estabelecimento de conceitos estraté-

60 SCHURMAN, op. cit. 132.

61 SUMIDA, Jon. “The Historian as Contemporary analyst. Sir Julian Corbett and Admiral Sir John Fisher”. In: HATTENDORF, John; GOLDRICK, James. *Mahan is not enough. The proceedings of a conference on the works of sir Julian Corbett and sir Herbert Richmond*. Newport: Naval War College Press, 1993, p. 131.

62 LAMBERT, op. cit. p. 220.

63 MAHAN, Alfred. *The Influence of Sea Power upon History*. op. cit. p. 7.

gicos, e nesse ponto Mahan veio primeiro. Richmond foi aqui muito influenciado por ele. O historiador deveria ser para ambos um educador. A função educacional da história e da estratégia era percebida por eles da mesma forma. Acreditavam que deveria existir uma mudança por parte das respectivas Marinhas no modo como se estudavam e se discutiam essas duas disciplinas. Para Mahan, a história era prescritiva, enquanto para Richmond ela era para ser analisada e criticada. Diferentes percepções para um modo comum de perceber a história, a ferramenta essencial para a estratégia. Mahan, com certeza, orientou Richmond nessa questão.

Ambos procuraram, com seus livros, influenciar o “homem da rua”, os seus pares e os políticos sobre a importância do poder marítimo para os países. Mahan considerava que os seus compatriotas não possuíam um elemento fundamental para a expansão do poder marítimo dos EUA, que era o caráter do povo voltado para as lides do mar. Richmond, por sua vez, reconhecia que os ingleses eram atraídos para o mar, entretanto temia que eles esquecessem o passado da Inglaterra e se voltassem para outras formas de defesa do Império que não fosse a marítima. O homem comum, imaginava Richmond, deveria ser “convencido” da pertinência das políticas

adotadas pelos homens públicos do passado. Os políticos, que lhe eram contemporâneos, deveriam olhar para o passado e reconhecer que o poder marítimo deveria continuar prevalente na GB. A necessidade de influenciar foi uma característica fundamental apreendida por Richmond provinda de Mahan.

Para o desgosto de Richmond, Mahan foi muito mais bem aceito que ele, fruto com certeza

do período histórico vivido pelo norte-americano, no qual o navalismo⁶⁴ assumia um papel preponderante, enquanto contingências econômicas limitavam a expansão do já combalido Império britânico, acrescido da antipatia de políticos e almirantes com a virulência de suas observações.

Os pontos discordantes entre ambos, no que diz respeito à percepção da história, são mais de métodos de pesquisa e escrita do que propriamente

de conteúdo, embora a discussão desses conteúdos fosse diferente. O método de Mahan partia de uma ideia predeterminada, que chamou de ideia central, obtendo conclusões que os fatos históricos iriam corroborar. Essas conclusões eram obtidas tendo em vista a aplicação de seus princípios, afirmando, dogmaticamente, que, atendidos os princípios, tudo estaria sob controle. Sua aproximação do problema era mais

**O homem comum,
imaginava Richmond,
deveria ser “convencido”
da pertinência das políticas
adotadas pelos homens
públicos do passado. Os
políticos, que lhe eram
contemporâneos, deveriam
olhar para o passado e
reconhecer que o poder
marítimo deveria continuar
prevalente**

64 Navalismo era uma teoria estratégica que estabelecia que quem dispusesse de uma grande Marinha oceânica obteria o atributo essencial para se tornar uma grande potência mundial. Mahan, sem dúvida, foi o seu principal representante. Fonte: KEEGAN, John. *The price of the admiralty*. London: Penguin, 1988, p. 333.

moderada, sem críticas exageradas a situações ou fatos, embora não pudesse, em certas situações, delas se esquivar. As fontes principais eram preferencialmente secundárias, e o detalhamento excessivo de fatos era por Mahan criticado. Um método inadequado certamente. Richmond, ao contrário, era mais sofisticado. Ele começava a sua pesquisa com um objeto e um problema a ser resolvido. A pesquisa, baseada em extensa documentação primária, gravitava em torno dessa questão fundamental. Ele buscava analisar também o papel social dos indivíduos envolvidos nessa questão. Em seguida, procurava aplicar os princípios nas questões históricas pesquisadas e concluir pela validade desses princípios em um estilo mais agressivo e profundo do que o de Mahan, e nesse ponto ambos tinham conclusões parecidas, porém com métodos distintos.

Mahan temia escrever sobre a chamada história do tempo presente, embora algumas vezes isso fosse inevitável, principalmente na análise das guerras hispano-americana e russo-japonesa. Richmond, pelo contrário, escrevia com grande frequência sobre assuntos classificados como do tempo presente, principalmente questões contemporâneas de projeto de força e assuntos navais da Segunda Guerra Mundial.

Não existem dúvidas de que Mahan foi um influenciador e teve um papel importante na formação intelectual e no modo como Richmond abordava a história e a estratégia, no entanto pode-se questionar se essa influência estendeu-se na sua concepção de poder marítimo. Quais os pontos teóricos concordantes e discordantes com Mahan no modo como Richmond percebia o poder marítimo?

No próximo número da *Revista Marítima Brasileira* serão discutidos esses pontos.

📁 CLASSIFICAÇÃO PARA ÍNDICE REMISSIVO:

<ARTES MILITARES>; Pensamento militar; Estratégia marítima; Poder naval;